

## CAMPESINATO E PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO

Paulo Bassani \*

Este ensaio pretende dar continuidade ao debate em torno dos movimentos sociais. Para tanto, faremos algumas reflexões sobre o processo de organização camponesa no que diz respeito aos elementos internos e externos desse processo.

Consideramos tratar-se de uma questão complexa e problemática e que, para tanto, não pretendemos esgotar essa discussão, pois trata-se de um esboço a merecer um tratamento mais aprofundado, principalmente no que diz respeito a sua prática.

Os movimentos sociais camponeses têm sido caracterizados como uma resposta ou reação das classes subalternas do campo às diferentes formas de dominações exercidas pelo capital.

Esta dominação tem se desdobrado em diferentes níveis na subordinação camponesa ao capital através de mecanismos econômico-financeiros, na sua expropriação crescente dos meios de produção com a consequente exploração direta da sua força de trabalho e, por fim sua exclusão social e política.

Embora este processo de dominação se realize em diferentes níveis, passa a gerar, nas massas camponesas, uma identidade no sentido de que vivenciam as mesmas condições de submissão. Esta identidade, por sua vez, cria condições necessárias para a formação de uma consciência de classe "possível", dando ao movimento camponês um conteúdo político-organizativo.

Ainda que autores, como WOLF (1976), HOBBSAWM (1978), entre outros, polemizem interpretações teóricas como as mencionadas anteriormente, por negarem a possibilidade de que o movimento camponês possua um potencial organizativo de conteúdo político, chegando muitas vezes a classificar os movimentos camponeses ao longo do século XX como movimentos primitivos e pré-políticos, entende-se que, se o campesinato tem condições político-ideológicas de engrossar o movimento proletário, (este sim considerado como essencialmente político, uma vez que a partir de sua existência social adquire uma identidade de interesses) tem também condições de organizar-se politicamente, buscando através de sua praxis social alcançar determinados objetivos.

Nesse sentido, o movimento camponês pode formar uma organização específica que leve a frente seus interesses e conquiste seu espaço na sociedade. Esta organização estaria, sem dúvida, pautada sobre uma ideologia que definiria um projeto político.

\* Mestre em Sociologia Rural

Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina.

Consideramos mais pertinente para nosso estudo, a definição que SCHERER WARREN (1984) dá aos movimentos sociais, ainda que veja os movimentos sociais sempre como transformadores e com conteúdo progressista, muito embora, a autora não enfatize a feição reformista ou conservadora que um determinado movimento pode assumir.

Para a autora, os movimentos sociais representam “uma ação grupal transformadora (a praxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização direta ou menos definida (a organização e sua direção).”

(SCHERER WARREN, 1984:20)

Com esta concepção, a autora compreende um movimento social como uma mobilização que tem por base um processo de transformação de uma estrutura social, política e econômica de um contexto histórico-específico.

Porém, conforme colocamos anteriormente, um movimento social pode ser ou não um movimento transformador, ter ou não ter princípios revolucionários. A caracterização de um ou de outro tipo dependerá, antes de mais nada, de procedermos à configuração do movimento social enfocando os setores sociais envolvidos, a forma de organização, as táticas e estratégias utilizadas e, fundamentalmente, o significado dos objetivos pretendidos, a fim de avaliarmos se isto significa um avanço ou retrocesso no desenvolvimento histórico dos homens e das classes subalternas em busca de sua libertação.

Buscamos com estas considerações ressaltar que nem todos os movimentos sociais que emergem de um determinado contexto possuem um caráter transformador. Existem e existiram, historicamente, muitos movimentos sociais de caráter essencialmente conservador; veja-se como exemplo a TFP e a UDR.

Com este intento, passaremos a analisar em separado cada um dos conceitos integrantes do processo de organização dos movimentos sociais: praxis, projeto, ideologia, organização e direção.

Os estudos de Marx e Engels e dos pensadores de orientação marxista trouxeram contribuições fundamentais em termos teóricos e práticos acerca da análise desses conceitos.

No que se refere a praxis, VASQUEZ (1977), partindo do quadro teórico de Marx, define-a:

“como a atividade material humana transformadora do mundo e do próprio homem. Esta atividade real, objetiva é, ao mesmo tempo, ideal, subjetiva e consciente. Por isso insistimos na unidade entre teoria e prática, unidade que implica em certa distinção e relativa autonomia.”

(VASQUEZ, 1977:04)

KOSIK (1976) também salienta que a praxis não representa apenas um conceito da filosofia moderna, mas uma categoria da categoria da teoria dialética da sociedade. Nesse sentido, o autor afirma:

“A praxis do homem não é a atividade prática contraposta a teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade. A praxis é ativa, é atividade que se produz historicamente - quer dizer que se renova continuamente e se constitui praticamente - , unidade do homem e do mundo, da matéria e do espírito, de sujeito e objeto, do produto e da produtividade.”

(KOSIK, 1976:202)

Assim praxis, a nível teórico, consiste em, através da ação (atividade prática do homem), criam as condições materiais, econômicas e políticas capazes de resolver as contradições engendradas pela estrutura social capitalista, resultando daí a proposta e constituição de uma sociedade alternativa fundada em novas bases. Disto resulta a concepção de praxis como a atividade individual ou coletiva transformadora da ordem social que pressupõe a existência de objetivos claros e os fins serão alcançados através de uma efetiva e concreta ação. Portanto, toda a praxis, no que diz respeito aos movimentos sociais, envolve um projeto político.

SCHERER WARREN (1985:15) chama a atenção para estes aspectos salientando que o sentido transformador da praxis só se realiza quando um certo grau de consciência crítica orientar a ação transformadora: “o conceito de praxis apenas terá sentido quando visto como dimensão dos conceitos de projeto, consciência e ideologia”.

Nesse sentido, a análise da praxis política constitui atividade indispensável porque ela reflete a ação concreta do movimento social e revela o seu projeto político, ou seja, o que o grupo ou movimento social pretende modificar na realidade social. Cabe salientar que o projeto

“pode ser uma utopia de transformação, seja o desejo e intento de superação da situação presente ou pode se referir à busca da realização de objetivos mais imediatos do grupo, presentes em termos de cotidiano.”

(SCHERER WARREN, 1984:16)

A ideologia também envolve a estruturação dos movimentos sociais no que se refere a sua sustentação. Seu significado e seu papel nos movimentos sociais têm tido tratamento distinto dentro das correntes marxistas. Podemos apontar pelo menos duas correntes diferentes. A primeira, defendida entre outros por Althusser, analisa a ideologia como um conjunto de entidades, instituições e valores, nos quais a manutenção do sistema social constitui o próprio fundamento; o que, no sistema capitalista, favorece a dominação da classe que detém o aparelho de Estado. Nesse sentido, a ideologia, para o

autor, vem a ser a forma de mascarar a realidade concreta à classe explorada e atua como falsa consciência; ou seja, a ideologia serve para manter o sistema de dominação de uma classe por outra, tendo como uma das funções gerais da ideologia, a reprodução das relações sociais de produção vigentes na sociedade. Assim toda ideologia dominante é a ideologia da classe dominante.

A segunda concepção de ideologia é a dada por Lukács em **História e Consciência de Classe**, a qual enfatiza o papel da ideologia como consciência social capaz de auxiliar a classe dominada a manifestar-se dentro de uma concepção político-ideológica própria. Lukács percebe que a tomada de consciência do proletariado dependerá de sua maturidade ideológica e de sua consciência de classe.

“Para o proletariado, a sua ideologia não é uma “bandeira” sob a qual combate, pretexto a coberto do qual prossegue os seus próprios fins, antes constitui o próprio objetivo e a arma por excelência.”

(LUKÁCS, 1974:85)

Portanto para o proletariado, bem como as demais classes subalternas, para libertar-se das amarras e das formas capitalistas de pensar e agir a que se encontra submetido pelo meio e pela ideologia burguesa, dependerá da tutela do partido que é considerado por Lukács como a forma organizacional que possui a mais avançada possibilidade objetiva de consciência e ação revolucionária. Desta forma, a ação do partido será introduzir a “verdadeira” consciência de classe, preparando ideologicamente o proletariado, aumentando a sua capacidade de discernir e resolvendo os problemas que lhe impõe a evolução histórica. (LUKÁCS, 1974)

Assim a classe dominada passa a desenvolver uma forma de consciência capaz de lhe revelar as reais condições da vida a que estão submetidas na sociedade burguesa. A tomada de consciência de sua situação de classe servirá então como instrumental de luta política e econômica para a transformação da sociedade.

Gramsci, em **A Concepção Dialética da História**, não foge a esta mesma conceituação de ideologia, na medida em que, ao definir ideologia como “uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente, na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações da vida individual e coletiva”, associa-se ao nível econômico de uma classe determinada.

Segundo Gramsci, a ideologia orgânica é a única capaz de desenvolver uma consciência política nas classes oprimidas. Ao estar vinculada e limitada ao nível econômico de uma classe, a ideologia orgânica possibilita às classes subalternas uma conscientização de sua real posição de classe.

Entenderemos, desta feita, ideologia como a visão de mundo de uma determinada classe ou segmento social. Acreditamos abarcar o caráter

essencialmente político do termo na medida em que esta "visão do mundo" está condicionada pela situação de classe dos indivíduos. Sendo assim, ideologia e consciência de classe estão intimamente relacionadas.

- Relação entre os dirigentes e as bases dos movimentos sociais.

Como anteriormente mencionamos, os movimentos sociais nascem do acirramento das contradições econômicas determinadas pelo modo de produção dominante em uma determinada formação social, onde uma classe, um segmento ou setor que se encontrem, de diferentes formas, marginalizados em relação aos bens e à riqueza produzida, organizam criando movimentos com objetivos específicos, onde expressam seu descontentamento frente à sua situação econômica, social e política. No entanto, em sua quase totalidade, os movimentos sociais organizam-se através da ação de um grupo reduzido de pessoas que, com objetivos próprios, definidos ou não, passam a atuar em favor de determinada classe ou fração dela.

Segundo WANDERLEY (1980: 123),

"essas pessoas normalmente tomam iniciativa ou são nomeadas representantes dos interessados, podem pertencer ou não às classes populares. Normalmente também elas são movidas por ideologias ou por posições políticas que conduzem a este tipo de atuação. E muitas vezes elas estão em vários destes movimentos ao mesmo tempo, (...). São elas que organizam o movimento e têm uma disponibilidade que as bases não possuem".

A este respeito, retomamos o pensamento de LÊNIN (1979:18), ao tecer comentários sobre a importância da necessidade de formar conexões entre a teoria e a prática política, bem como sobre o papel da vanguarda na concretização do movimento revolucionário; "Sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário". Esta teoria revolucionária envolve uma consciência revolucionária que não se caracteriza mais como essencialmente espontânea, visando unicamente a agitação política no terreno econômico, mas uma das condições essenciais para levar a consciência político-revolucionária às massas e revelar uma consciência política que abrange não apenas a instância econômica, mas também a social, política e ideológica. Nesse sentido, LÊNIN (1979:55) afirma:

"A consciência da classe operária não pode ser uma consciência política verdadeira, se os operários não estiverem habituados a reagir contra todo o abuso, contra toda manifestação de arbitrariedade, de opressão e de violência, quaisquer que sejam as classes atingidas; (...). A consciência das massas operárias não pode ser uma consciência de classe verdadeira se os operários não apren-

derem a aproveitar os fatos e os acontecimentos políticos concretos e de grande utilidade, para observar cada uma das outras classes sociais em todas as manifestações de sua vida intelectual, moral e política; se não aprenderem a aplicar praticamente a análise e o critério materialista a todas as formas da atividade da vida de todas as classes, categorias e grupos da população (...). Pois para conhecer a si própria de fato a classe operária deve ter um conhecimento preciso das relações recíprocas de todas as classes contemporâneas..."

Por outro lado, LÊNIN considera que a consciência revolucionária não pode chegar ao proletariado e às massas oprimidas sem a existência de um grupo que oriente e dê direção e organização ao movimento. A vanguarda política para LÊNIN constitui-se ponto fundamental do movimento operário.

"A história de todos os países atesta que, pelas suas próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc."

(LÊNIN, 1979:24)

Nesse sentido, a vanguarda assume papel importante no processo de conscientização do movimento, pois esta, bem preparada, poderá dar condições teóricas aos agentes do movimento no sentido de compreenderem as etapas pelas quais deverá seguir no intento de alcançar o estágio mais desenvolvido do processo revolucionário. Para a obtenção deste intento faz-se necessário exigir uma relação dialética entre a teoria e a prática, entre o trabalho teórico-prático da vanguarda e a participação das bases.

Esta interdependência entre teoria e prática é também evidenciada por GRAMSCI (1978:138), que vê no "intelectual orgânico" o agente capaz de relacionar o conhecimento teórico com a praxis revolucionária das massas. Nesse sentido, Gramsci reforça a importância de uma articulação dialética entre o intelectual e a massa pois, só na medida em que houver intercâmbio de conhecimentos, aspirações, experiências, é que se poderá desenvolver um projeto político de transformação da ordem social vigente. Na medida em que o elemento popular "sente" mas nem sempre compreende ou sabe, o elemento intelectual "sabe", mas nem sempre compreende e, muito menos sente, é necessário uma articulação dialética entre vanguarda e base, entre direção do movimento e suas bases.

A importância de se analisar os diferentes tipos de relações que se estabelecem entre a direção e as bases, reside no fato de que estas relações irão demarcar a forma como avança um determinado movimento. A captação desta relação entre direção e as bases poderá dar-se pelo estudo dos objetivos concretos revelados pela praxis dos movimentos sociais, mesmo que esta seja marcada, em determinados momentos, por recuos e lentos avanços.

Na prática dos movimentos sociais, determinados tipos de relações e inter relações podem ser estabelecidos a partir de uma unidade ou diversidade de interesses de outros movimentos sociais ou outras instituições como partidos políticos, sindicatos, igrejas, associações, pequena burguesia, intelectuais, etc., que podem intervir de maneira isoladas ou através de alianças. Esta integração de agentes oriundos de outras instituições ou movimentos sociais estabelece-se em diferentes momentos, podendo assumir diferentes graus de atuação, decisões e orientações diversas do movimento. Normalmente seu envolvimento não está, necessariamente, relacionado a compromissos pré-estabelecidos, isto é, não há determinações por parte dos agentes externos sobre os passos e rumos que o movimento deverá seguir.

No entanto, e certas circunstâncias onde fique explícita a ausência de uma consciência clara dos objetivos visados pelo movimento ou se evidencie o desconhecimento das implicações políticas resultantes de sua praxis, em que o movimento tenda mais a manifestações voluntaristas refletindo assim a debilidade de sua estrutura organizacional, estas instituições ou indivíduos passam a imputar ao movimento a sua própria visão de mundo, sua ideologia, que pode não ser coincidente com a das bases do movimento.

No interior dos movimentos sociais constata-se muitas vezes a existência de dois pólos de discussão quanto a quem cabe a direção do movimento. De um lado enfatiza-se a necessidade única de que tudo deve vir a ser controlado pelas bases. Assim, toda e qualquer elaboração teórica ou prática deve nascer das próprias bases do movimento. Esta postura que reduz ao mínimo a necessidade de liderança para o movimento, definiremos como "batismo".

Já o segundo pólo, enfatiza a necessidade premente de uma elite intelectual que construa uma elaboração teórica e prática para o movimento, defina o seu projeto, assuma o comando, a direção e tenha os elementos necessários para conscientizar os demais agentes do movimento. Esta postura é entendida como "vanguardismo".

WANDERLEY (1980:113), no que se refere a estas questões, considera que qualquer uma destas posturas (batismo ou vanguardismo), quando levadas ao extremo, podem conduzir o movimento à destruição. A ambigüidade que este extremismo envolve é enfatizado pelo mesmo autor quando ressalta o perigo de cairmos no irracionalismo ao supervalorizarmos o espontaneísmo; ou no vanguardismo e intelectualismo, ao supervalorizarmos a teoria sem uma prática adequada (cientificismo).

A esta problematização sobre as diferentes formas de relacionamento entre as vanguardas e as bases, a teoria e prática dos movimentos sociais, prende-se o fato de buscar o encontro de alguns caminhos, ou pelo menos clarear algumas posturas que têm assumido historicamente agentes sociais que realizam um trabalho social junto aos movimentos camponeses.

Isto porque compreendemos que toda praxis transformadora necessita de uma consciência teórica. Nesse sentido, o trabalho intelectual que pretende ser crítico e transformador não poderá ater-se a uma crítica teórica

"pura", "abstrata" e isolada, mas um trabalho que estabelece uma dimensão unitária entre teoria e praxis, um trabalho que envolva uma inserção na historicidade concreta dos movimentos sociais, constituindo-se desta forma, em contributo real e afetivo na praxis social desses movimentos.

Nesse sentido, enfatizamos que a produção científica, teórica, pode estar ligada as lutas concretas, compreendendo os limites e as possibilidades de uma aliança entre o mundo científico e o mundo político, entre a academia e o cotidiano.



## BIBLIOGRAFIA

1. GRAMSCI, Antonio. **A concepção dialética da história**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
2. HOBBSBAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos: Estudos de Formas Arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
3. KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
4. LÊNIN, V. I. **Que Fazer?** São Paulo, Hucitec, 1979.
5. LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. Porto-Portugal, Publicações Escorpião, 1974.
6. SCHERER WARREN, Ilse. **Movimentos Sociais - um ensaio de interpretação sociológica**. Florianópolis, Cadernos de Ciências Sociais, UFSC, vol. 04, nº 01, 1983.
7. VASQUEZ, Adolpho Sanchez. **A filosofia da praxis**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
8. WANDERLEY, Luiz Eduardo. **Movimentos Sociais Populares: Aspectos Econômicos Sociais e Políticos. Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, nº 25, 1980, pág. 107-132.
9. WOLF, Eric R. **Sociedades Camponesas**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1976.